

Pedagogia de Oyá: mulheres negras e desconstrução da estética das colonialidades no Currículo e ensino da Comunicação Social

Eduardo Oliveira Miranda ¹

Amine Jesus Fernandes Meira²

Resumo

Essa escrita trata dos atravessamentos do corpo-território de mulheres negras estudantes de comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB, e como as colonialidades do ser, saber, poder e de gênero reverberam na sua formação e como a decolonialidade afro-brasileira (MIRANDA, 2022) como tecnologia para reverter epistemicídios (CARNEIRO, 2005) e reconhecimento e pertencimento negro estabelecendo saberes contra-hegemônicos e possibilidades de resistências ativas dentro das epistemologias inseridas nas áreas de conhecimento da Educação e Comunicação, na perspectiva de descolonizar currículos e cânones eurocentrados. Para tal, optamos pela Sociopoética (GAUTHIER, 2011; ADAD, 2014) enquanto dispositivo de criação dos dados deste artigo que é fruto da dissertação de Mestrado em Educação na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

Palavras-Chave: Decolonialidade Afro-brasileira; Feminismo Negro; Corpo-território; Comunicação; Currículo.

1. Introdução

Oxum, menstruada, compareceu ao banquete de Oxalá e deixou a marca do sangue na cadeira onde sentou. Ao ver que todos os outros Orixás riam dela, Oxalá transformou o sangue em penas do papagaio ecodidé – e colocou na testa, homenageando a força do sangue criador feminino. Como usado por Oxalá, passou a ser símbolo de realeza e incorporado em todos os Orixás e coroas de reis. (PARIZI, 2020, p.117)

Início essa escrita a partir do itan que narra a força do sangue criador feminino de Oxum que é exaltado por Oxalá, enquanto todos os outros riam. Início a partir das águas

¹ Professor Doutor em Educação ; Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Feira de Santana , Bahia, Brasil e país; eduardomiranda48@gmail.com

² Mestra em Educação ; Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Feira de Santana, Bahia , Brasil; aminefernandes@gm.com

férteis da mãe criadora e geradora. Para assim gerar no ventre, entranhas e axé dessa pesquisa Decolonial.

A vida vem das águas, portanto Oxum é a dona da vida, e como tal rege a fecundidade, a fertilidade e todas as gestações. Como descreve Parizi, “em consequência, é a Mãe de todas as crianças e todas as criaturas vivas. Esclarecendo em definitivo: não há ser humano que não seja filho de Oxum.” (PARIZI, 2020, p. 117). Início, saudando a gestação, a criação e a pessoa gerada em meu ventre durante a feitura dessa pesquisa, a gestação dessa escrita e o ser que nasceu nessa trajetória em que me tornei mãe.

Início pedindo licença a Exu, o que abre caminhos, senhor do princípio do movimento, da comunicação, o que come primeiro, senhor das trocas justas, nessa escrita, (PRANDI, 2001), para desaguar essa pesquisa em águas férteis de Oxum, a quem Exu enquanto Elégua, a defendeu como mãe do assédio de Aganju. A Exu, peço licença e invoco seu movimento e arte de comunicar para iniciar com o princípio cosmológico de Oxum essa pesquisa gestada.

Utilizando como pano de fundo o enegrecimento da universidade pública e a necessidade de romper com as formas de colonialidades na educação, realizo giro decolonial, voltando-me às epistemologias do sul e a Decolonialidade Afro-Brasileira (MIRANDA, 2022), como guia de localização na feitura de pesquisa em Educação, que busca abordar os aspectos da formação em Comunicação Social Através de uma epistemologia afro-brasileira, presente na Universidade através de gerações de afrodescendente, problematizo de que forma corpos-territórios de mulheres negras no campo da comunicação podem decolonizar a perpetuação da estética eurocentrada em sua formação, como aponta Muniz Sodré (2012, p. 12):

[...] descolonizar o processo educacional significa liberá-lo, ou emancipá-lo, do monismo ocidentalista que reduz todas as possibilidades de saber e de enunciação da verdade à dinâmica cultural de um centro, bem sintetizado na expressão ‘pan-Europa’. Esse movimento traz consigo igualmente a descolonização da crítica, ou seja, a desconstrução da crença intelectualista de que a consciência crítica é apanágio exclusivo do letrado ou de que caberia a este último iluminar criticamente o Outro.

Assim, considerando a constituição da Comunicação Social como área de conhecimento depara-se com os contrastes vivenciados por corpos-territórios subalternizados que estudam, se especializam e reproduzem esse conhecimento na vida

profissional, mesmo sofrendo com as implicações das colonialidades. Um corpo-território que já foi transpassado pelo racismo e sexismo encontra na formação em comunicação mecanismos de racismo epistêmico e estruturas dentro da universidade que foram projetadas para e pela branquitude para manter estruturas sociais opressoras e desiguais.

Diante desse contexto envolto pelas opressões das colonialidades, faz-se necessário decolonizar o currículo! Por meio da Decolonialidade Afro-brasileira traço os caminhos para educação, que privilegia o conhecimento que foi alijado pelo processo colonial, como elucida Miranda (2022a, p. 30):

O nosso compromisso com a Decolonialidade Afro-Brasileira afirma a não linearidade no ato de existir e que as existências não se encaixem em sentidos universais, modelos cartesianos e articulados por homens que vislumbram a cultura de outros povos como incivilizados e legitimados ao apagamento. O nosso compromisso, o que aprendemos com Exu, não se fecha em caminhos coloniais. Exu nos ensina que todo corpo-território é forjado pelas energias exuísticas, as quais repercutem a boca que tem fome e que por conta disso quer devorar o mundo. Sou um corpo-território que tem a boca faminta pela diferença, que em muitos casos encontra-se perdida no meu próprio corpo, em cantos escondidos, em zonas de nebulosos conflitos. Em muitos casos só encontramos a diferença em nossa própria existência ao se deparar com o diferente externo ao meu eu, mas que tem uma exuística e aciona através da energia vital os sentidos divergentes.

Os saberes outros, desde África, baseada na tecnologia Yorubá, que confrontam o saber e poder universalizante estabelecido pela Modernidade. Contrariando as epistemes eurocêntricas e subvertendo a ordem do epistemicídio que se trata da anulação e descrédito dos saberes dos povos colonizados, subalternizando não só em suas existências, mas a construção de suas tecnologias, taxadas de primitivas, que leva a inferiorização intelectual, como evidencia Sueli Carneiro (2005, p. 97):

sendo, pois um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio nas suas vinculações com a racialidades realiza, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores constitui, uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade/biopoder, e que tem por característica específica compartilhar características tanto do dispositivo quando do biopoder, a saber, disciplinar/ normatizar e matar ou anular.

Nestes veios, através de uma epistemologia afro-brasileira, que pulsa segundo

Narcimária Patrocínio Luz (2013), nas territorialidades negras, nas suas células comunitárias, e que contemporaneamente entra na Universidade através de gerações de afrodescendente, postulo como objetivo da pesquisa que culminou na dissertação de mestrado em Educação, de que maneira pode-se decolonizar a perpetuação da estética eurocentrada na formação de corpos-território de mulheres negras estudantes de comunicação, aqui focada nas estudantes de Comunicação da UFRB- Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E ainda, identificar as colonialidades, além de mapear suas implicações nos corpos-territórios de estudantes de comunicação através do metodologia da Sociopoética (ADAD, 2014; GAUTHIER, 2011).

2. Caminhos metodológicos

A metodologia utilizado nesta pesquisa é a Sociopoética, que compreende método que se baseia em cinco princípios, preconizado por Jacques Gauthier sendo eles, a instituição do dispositivo do grupo-pesquisador, que proporciona a participação ativa dos envolvidos em todas as etapas. Assim, as participantes tornam-se co-pesquisadores, a pesquisa é feita por nós, pelo coletivo e não apenas por um pesquisador distante “parceiros e parceiras dos facilitadores da pesquisa, tanto na construção do conhecimento como nas decisões que se deve tomar para que o próprio processo de pesquisa chegue até sua conclusão”. (GAUTHIER, 1999, p. 41).

A valorização das culturas subalternizadas e de resistência, como aponta Gauthier, direciona para outras maneiras de interpretar o mundo, especialmente as que foram colonizadas. Portanto, entendo que pesquisa com o corpo inteiro, pressupõe uma responsabilidade ética, política, neoética e espiritual com o grupo-pesquisador, feito não só por mim mas, a partir de mim para ser por nós.

Ao escolher a Sociopoética como abordagem que dialoga com a cosmopercepção afro-brasileira, propus como técnica de produção de dados “A transmutação de *Oya*: a mulher búfalo”. Assim, a partir do princípio cosmológico de *Oya*, a Iansã, tendo como inspiração o *itan* em que *Oyá* se transforma em búfalo utilizei o desenho livre, como instrumento para cartografar os dados necessários e realizar as vivências. No estudo, utilizando a sociopoética para despertar de corpos-territórios como metodologia, apontamos, pois a pesquisa é contruída pelo grupo pesquisador, as colonialidades que atravessam os corpos-territórios de mulheres negras estudantes do curso de comunicação, ao passo em que, em outra extremidade observamos os caminhos para decolonizar a perpetuação da estética das colonialidades em

suas formações .

A partir das conexões em pesquisa, nasceu a Pedagogia de Oyá, elaborada, pelo meu corpo-território-pesquisador, na tessitura da dissertação de mestrado em Educação pela PPGE-UEFS, vislumbrei que através da fonte epistemológica da ancestralidade, da potência das suas tempestades a pedagogia que rompe com as opressões, ventos de mudança, de coragem e força da mãe ancestral da transmutação, que se faz búfalo e borboleta e aciona corpos-territórios de mulheres em força primordial para relampejar energia vital e axé de decolonização, quebrando e devastando territórios em que a branquitude silenciou e subalternizou povos outros. É pela Pedagogia de Oyá que as linhas dessa escrita fez suas ventanias que tem total inspiração no seguinte itãn:

Iansã tinha muitas jóias, que usava com orgulho. Uma ocasião resolveu sair de casa, mas foi interpelada por seus pais. Disseram que era perigoso sair com tantas jóias e a impediram de satisfazer seu desejo. Oiá furiosa, entregou suas jóias a Oxum e fugiu voando, rápida, pelo teto da casa, arrasando tudo o que atravessasse seu caminho. Oiá tinha se transformado no vento. (PRANDI, 2001, p. 301)

Neste cenário, Iansã surge nesta pesquisa para sopra um giro decolonial na base colonialista que ainda sustenta a formação dos profissionais da Comunicação Social. Não cabe mais compactuarmos com uma academia que se pauta meramente pelo fazer científico das caravelas europeias. É tempo de mudança, é o tempo de sankofa!

3. Fundamentação teórica/resultados e discussão

Quando pesquisamos com mulheres negras estudantes do curso de Comunicação Social, acionamos o seu corpo-território em pesquisa nos parâmetros da Decolonialidade Afro-brasileira. Apontamos para seus corpos-territórios em totalidade, para seu mundo sensível, seus espaços, seus saberes, a extensão de suas crenças, afetos, e as complexidades de suas existências para dimensionar e reformular currículo, que na perspectiva de Miranda (2020b, p. 69):

A dimensão da categoria corpo-território, a qual propicia o indivíduo entender o que está ao seu redor a partir de seu próprio corpo, de si mesmo, sua posse sobre seu corpo, assim como uma territorialidade em constante movimento que para onde se desloca carrega consigo toda a bagagem cultural.

Ao deparar com a estrutura do Currículo dos cursos de Comunicação da UFRB-Jornalismo e Publicidade e Propaganda, percebe-se que não existe de forma explícita nenhum componente que evidencie tratar as relações étnico-raciais ou o que preconize as Leis 10.639/03 e 11.645/08 que a pesquisadora Rosane Borges (2015, p. 750) defende:

O que está em causa nas Leis 10.639 e 11.645 é a busca por reconhecimento e adoção de um sistema educativo que exerça a alteridade. Acolher o Outro, em sua plenitude e complexidade, como condição de acolher a mim mesmo, sem reduzi-lo a categorias estereotipantes, vem sendo o desafio renovado da política global.

O que não implica que os docentes, não possam ter introduzido leituras ou direcionado conteúdos que trate do assunto, pois o currículo em sua fluidez agrega esse diálogo com a sala de aula. Entretanto, o que se pode verificar que no projeto pedagógico não há nenhum indicativo que deixe evidente epistemologias negras ou diálogos com autores negros. O que me leva a pensar que há um apagamento ou silenciamento de conteúdos que contém mídias e relações étnico-raciais, feminismo negro.

Seguindo esse direcionamento para experimentar inversões pedagógicas, aqui em sopros de ventos insubordinados, ventos de desobediência epistemológicas, ventos do princípio cosmológico de Oyá. A partir desses deslocamentos estão implicadas novas maneiras de se elaborar concepções curriculares, que reformulam os processos de instrumentalização do mesmo no Curso de Comunicação Social. De certo, o saber comunicacional é arquitetado e balizado pelo mercado (Sodré, 2014). Nessa perspectiva, busco tensionar as bases de uma formação essencialmente forjada nas colonialidades imbricadas nas articulações do mercado para decolonizar o currículo em seu formato instrumental funcionalista.

É partir da compreensão da pedagogia de Oyá, Yansã, para se articular a construção ou desconstrução do currículo do curso de Comunicação Social da UFRB, com enfoque nos corpos-território de mulheres negras. O princípio Cosmológico de Oyá nos conta de uma tecnologia que carrega uma força primordialmente feminina, poderosa e destrutiva de enfrentamento, de mudança. Força fundamentada nos ventos, tempestades, no fogo, raio e trovão. É o fundamento que destrói para que sejam construídas outras possibilidades. É o fogo que incendeia o campo para que rebrote a vida. Oyá é a guerreira elementar que nos direciona nesse decolonização pedagógica de estruturas desumanizantes que permeiam as

colonialidades presentes nos cânones da Comunicação Social.

4. Considerações finais

Para não concluir, pois não há conclusão quando entregamos as palavras ao vento feito orixá. Dessa forma, foram apontadas como resultado da pesquisa, as colonialidades que atravessam os corpos-territórios de mulheres negras estudantes do curso de comunicação, ao passo em que, em outra extremidade foram observados os caminhos para decolonizar a perpetuação da estética das colonialidadesque permeiam a formação de mulheres negras nessa área de conhecimento , aqui em perspectiva, nos cursos de Publicidade e Propaganda e Jornalismo. Voltada para o Sul, em uma decolonização baseada na pedagogia de Oyá, vislumbramos em coletivo pesquisador, que através da fonte epistemológica da ancestralidade, da potência da memória, da força do aquilombamento e da energia da resistência, podemos perpetuar nossas existências, saberes, afetos, identidade e nossa grandeza em todos espaços, seja na academia ou mesmo no mercado de trabalho.

Assim, arremato essa inconclusão desejando que os ventos de Oyá nos elevem e expandam. Que as minhas palavras, ditas, escritas, ou pensadas e o saber gestado e engendrado, enquanto uma pesquisadora negra sejam propagados em ventanias decoloniais, de que é necessário descolonizar currículos, cânones, intenções, quereres, sentimentos, no campo da Educação e da Comunicação.

Referências

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. *Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender coma sociopoética*. 2014.Fortaleza. Ed EDUECE.

BORGES, R. S. Novas narrativas, educomunicação e relações raciais: um campo possível para o exercício da alteridade. *Educere et Educare*, Cascavel, v. 10, n. 20, p. 741-756, 2015.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Feusp. *Tese de doutorado*. 2005.

GAUTHIER, Jaques. O Oco do Vento. Metodologia da pesquisa sociopoética e estudos

transculturais. 2012. Curitiba. Ed. CRV.

GONZALES, Lélia. Por um Feminismo Afrolatinoamericano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. É preciso africanizar a universidade. IN: LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. Decolonização e Educação: diálogos e proposições metodológicas. Ed. CVR, Curitiba, 2013

MIRANDA, Eduardo. Epistemologias dos Odus e Decolonialidade Afro-Brasileira. *Revista Estudos Libertários*, 2022a, 4(11), p. 28-40. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/53236/29282>. Acesso em: 22 nov. 2024.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. *Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência*. - Salvador: EDUFBA, 2020b. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32375/3/corpo-territorio-educacao-decolonial-repositorio.pdf>. Acesso: 10 de novembro de 2024.

PARIZI, Vicente Galvão. *O livro dos Orixás: África e Brasil* [recurso eletrônico] / Vicente Galvão Parizi -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SODRÉ, M. *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes*. Petrópolis: Vozes, 2012a.

Pedagogy of Oyá: black women and deconstruction of the aesthetics of colonialities in the Curriculum and teaching of Social Communication

This writing deals with the crossings of the body-territory of black women communication students at the Federal University of Recôncavo da Bahia - UFRB, and how the colonialities of being, knowledge, power and gender reverberate in their formation and how Afro-Brazilian decoloniality (MIRANDA, 2022) as a technology to reverse epistemicides (CARNEIRO, 2005) and black recognition and belonging establishing counter-hegemonic knowledge and possibilities of active resistance within the epistemologies inserted in the areas of knowledge of Education and Communication, in the perspective of decolonizing Eurocentric curricula and canons. To this end, we opted for Sociopoetics (GAUTHIER, 2011; ADAD, 2014) as a device for creating the data of this article that is the result of the Master's dissertation in Education at the State University of Feira de Santana – UEFS.

Key words: Afro-Brazilian decoloniality; Black Feminism; Body-territory; Communication; Curriculum.

Pedagogía de Oyá: mujeres negras y deconstrucción de la estética de las colonialidades en el currículo y la enseñanza de la Comunicación Social

Este escrito aborda los atravesamientos del cuerpo-territorio de las estudiantes negras de comunicación en la Universidad Federal del Recôncavo da Bahia - UFRB, y cómo las colonialidades del ser, el conocimiento, el poder y el género repercuten en su formación y cómo la decolonialidad afrobrasileña (MIRANDA, 2022) como tecnología para revertir los epistemicidios (CARNEIRO, 2005) y el reconocimiento y la pertenencia negra, estableciendo saberes contrahegemónicos y posibilidades de resistencia activa dentro de las epistemologías insertas en las áreas de conocimiento de la Educación y la Comunicación, en la perspectiva de la descolonización de los currículos y cánones eurocéntricos. Para ello, se optó por la Sociopoética (GAUTHIER, 2011; ADAD, 2014) como dispositivo para la creación de los datos de este artículo que es el resultado de la tesis de Maestría en Educación en la Universidad Estadual de Feira de Santana – UEFS.

Palabras clave: Decolonialidad afrobrasileña; Feminismo Negro; Cuerpo-territorio; Comunicación; Currículo.

Pédagogie d'Oyá : les femmes noires et la déconstruction de l'esthétique des colonialités dans le curriculum

et l'enseignement de la communication sociale Cet écrit traite des traversées du corps-territoire des étudiantes en communication des femmes noires à l'Université fédérale de Recôncavo da Bahia - UFRB, et comment les colonialités de l'être, du savoir, du pouvoir et du genre se répercutent dans leur formation et comment la décolonialité afro-brésilienne (MIRANDA, 2022) comme une technologie d'inversion des épistémicides (CARNEIRO, 2005) et de la reconnaissance et de l'appartenance noires, établissant des connaissances contre-hégémoniques et des possibilités de résistance active au sein des épistémologies insérées dans les domaines de la connaissance de l'éducation et de la communication, dans la perspective de décoloniser les programmes et les canons eurocentriques. Pour ce faire, nous avons opté pour la sociopoétique (GAUTHIER, 2011 ; ADAD, 2014) comme dispositif de création des données de cet article qui est le résultat du mémoire de maîtrise en éducation à l'Université d'État de Feira de Santana – UEFS.

Mots clés : décolonialité afro-brésilienne ; le féminisme noir ; Corps-territoire ; Communication; Coursus.